

## **SOBRESCRITO**

Philippe Lejeune, na crônica “A quem pertence uma carta?”, inserida em *Pour l'autobiographie* [1998], desvela a complexa natureza das mensagens epistolares: “A carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar)...”. Embora Lejeune privilegie em seu artigo questões éticas ligadas à publicação de correspondência – assunto no qual os três aspectos aludidos mostram-se intimamente imbricados –, a definição proposta sugere instigantes desdobramentos. Em torno de cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto) orbita uma constelação de assuntos, significados e indagações.

Vista como “objeto” cultural, a carta nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar. A qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d’água, assim como os instrumentos da escrita, espelham códigos sociais, entremostrando a mão – a classe, escolaridade, formação cultural – de quem escreve. Sobrescritos, carimbos e selos nos levam ao funcionamento das instituições que colocam em trânsito essa forma de comunicação escrita. Caixas de correio, em sua diversidade criativa, exprimem o imaginário coletivo e a mais recôndita vida mental dos sujeitos que a produziram. E se, com a tecnologia, o papel e a tinta cedem lugar à produção “virtual”, o *e-mail* ainda assim estará sujeito a normativas (“netiqueta”), a contingências da remessa de informações (o correio eletrônico) e aos valores implícitos na escolha de um determinado provedor. Na qualidade de “objeto”, a carta também se presta à transfiguração artística, a fetiches e à exploração econômica.

Enquanto “ato”, no campo semântico da representação teatral, a carta coloca “personagens” em “cena”. O remetente assume “papéis”, ajusta “máscaras” em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários, com objetivos afetivos ou práticos definidos. Sob o signo da encenação, a verdade expressa na carta – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos – é sempre pontual e cambiante. Em outra direção, associando-se “ato” a “práxis”, a carta pode testemunhar a “dinâmica” de um determinado movimento artístico. Formas de sedução intelectual, nas linhas e entrelinhas da carta, figuram, assim, como “ações” nos bastidores da vida artística. A correspondência de artistas e escritores poderá igualmente afirmar-se como um agitado “canteiro de obras”. Nessa profícua seara, a crítica genética buscará apreender o testemunho e as pegadas dos processos de criação, assunto tão bem explorado pelo estudioso francês José-Luis Diaz em seu “Qual genética para as correspondências?” na *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, 2007.

A retórica e os estudos linguísticos/filológicos veem a carta como “texto”. A meio caminho entre o prosaico e o literário, entre o público e o privado, manifesto em formas

irrequietas (a carta, o bilhete, o cartão-postal, o telegrama, o *e-mail* etc), esse "texto" atrai também os olhares das mais diversas áreas do conhecimento, da história à psicologia (e psicanálise), da sociologia e filosofia às artes em geral, das ciências exatas às biológicas, olhares que desejam captar testemunhos e ideologias, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas. Os estudos culturais privilegiam essa voz da intimidade, atravessada por ideologias. Na teoria e nos estudos literários, a carta/texto tanto pode ser "material auxiliar", ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escrita que valoriza a função estética/poética; ou, ainda, "texto literário" nas paragens do romance epistolar...

Em face da abrangência e complexidade da matéria, *Teresa* pretende, neste número temático duplo, contribuir para a melhor compreensão do lugar e das potencialidades da epistolografia brasileira nos atuais estudos literários, inspirando-se na atuação pioneira das professoras Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battela Gotlib, organizadoras do volume *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*, publicado em 2000. Com Walnice, aliás, *Teresa* dialogou longamente, colocando em pauta assuntos polêmicos relacionados à pesquisa em cartas: "literariedade", "ética", "preparo de edições" etc. As seções *Diálogos* e *Temas, tempos*, tencionando promover um amplo mapeamento de assuntos, práticas epistolares e procedimentos metodológicos na abordagem do gênero epistolar no Brasil, instauram a interlocução fecunda de jovens pesquisadores com nomes consolidados da teoria, da historiografia e da crítica literária em nosso país. A amostra de *Resenhas* reúne diferentes posturas críticas em face da epistolografia, procurando fornecer uma síntese de tópicos históricos e (extra)textuais vinculados ao estudo de correspondências. Na seção *Documento*, cartas inéditas de Mário de Andrade, Murilo Mendes, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade deixam entrever o refinamento estético desses escritos pessoais, as instigantes relações entre epistolografia e memorialismo, bem como, implicitamente, o debate sobre a importância do trabalho de anotação editorial de uma correspondência. Em *Criação*, a prosa de Alcides Villaça e a poesia de Fabiano Calixto exploram, com grande força imagética e estilística, as estratégias epistolares de ontem e de hoje. *Posta restante*, por sugestão do Prof. Antonio Dimas, fornece uma bibliografia preliminar para aqueles que desejam percorrer o território da pesquisa em cartas.

Deixo, agora, em suas mãos, prezado leitor, este gordo envelope, tão ao gosto dos amadores da carta!

Marcos Antonio de Moraes